

A ABELHA

ASSIGNATURA

PARA A
CORTE.

P. r um anno . . 6\$500.

PERIODICO UNIVERSAL.

ASSIGNATURA

PARA AS
PROVINCIAS

Por um anno . . 6\$500

Publica-se nos dias 15 e ultimo de cada mez. As correspondencias e reclamações devem ser dirigidas ao escriptorio da redacção, na rua do Sabão n. 45, onde se recebem assignaturas.

Algumas considerações sobre as reformas militares delegadas ao Exm. Sr. Ministro da Guerra.

E' sempre com grande acanhamento que escrevemos para o publico; mais sobre elle de ponto quando nos propomos a de algum modo contrariar opiniões que respeitamos.

A' muito larga discussão tem dado origem o relatório do Exm. Sr. Ministro da Guerra, pelo complexo das medidas reclamadas em prol da classe militar.

Mui dignos e illustres officiaes do nosso exercito, levados de zelo pela briosa corporação a que pertencem, tem com suas luzes, estudo, e pratica, corrido á arena, discutido e aquilatado as proposições do relatório de S. Ex.

Com esse procedimento hão elles prestado eminente serviço ao paiz, ao proprio Sr. Ministro, e á nobre classe militar.

Suas opiniões nos tem em parte seduzido pela conveniencia que tambem lhes attribuímos; e com quanto de outras discrepemos, cumpre-nos confessar que em todas divisamos elevação de pensamento, e o maior anhelo em prol do exercito.

Animados dos mesmos desejos, seguindo exemplos tão nobres, nós nos tambem envolver no certame, persuadidos de que ainda não é tarde uma opinião mais a respeito.

Não ousamos entrar logo com o nosso contingente por suppormos se não occuparia a Camara dos Srs. Deputados com um tão vasto quadro de reformas; nunca deu ella exemplo de tamanha confiança no governo; d'ella é sem duvida digno o Sr. Marquez de Caxias, n'este proceder a camara honra os louros do nome do districto general.

O que sem methodo talvez, mas com verdade, e franqueza vamos escrever, rogamos a nossos camaradas o tolerem; certo de que o faremos sem presunção, e por convencidos de

que tudo quanto excede ao bastante é por demais.

Foi no fim da 2.^a discussão da proposta da fixação das forças de terra que a nobre commissão de marinha e guerra entendeu opportuno submeter ao apreçamento da camara um grande articulado de faculdades reformadoras conferidas ao Exm. Sr. Ministro da Guerra;ahi se acha consignada a quasi totalidade das idéas e reflexões contidas no relatório de S. Ex. e algumas com amplitude ainda maior que a provocada.

Se são todas de immediato e manifesto proveito ao paiz, se todas aconselhadas pela experiencia e pela occasião, se são ellas apenas uma deferencia a pessoa do nobre General que dirige a repartição militar, e o que procuraremos examinar.

O Ex. Sr. Ministro da Guerra em seu discurso na camara temporaria reputou de grande utilidade para uniformisar o foro e julgamentos militares a extincção das juntas de pacifica, fazendo revertter para o conselho supremo suas decisões. Se o conselho supremo, tribunal gotico, e modelado pelas feições dos tempos d'Elrei, nos o Senhor tivesse ja passado pela reforma de ha muito reclamada, esta innovação enxergariamos apenas unicamente mais da dependencia em que se quer collocar as provincias para com a corte, que meio mais de temerosa e funesta centralisação; mas não o estando ainda, o estado nem factio ao governo proporcionar as diferentes faculdades, onde existem creadas para delegações do conselho supremo, a posse de officios illustres, que desempenhando as funcções proprias da prohibição, satisfação do mesmo tempo as condições necessarias para que esses pequenos tribunaes julquem com regularidade e com evidente commoção das partes, e consinta nos o nobre general que por enquanto discrepemos de sua opinião, e lhe aconselhemos que comece solicitando a reforma do conselho

supremo, pondo-o em verdadeira harmonia com as nossas leis fundamentais do Estado. Aguarde S. Ex. seus planos para essa época, e não hesitamos em afirmar que então marchará com acerto e com proveito do fóro militar. Como se annuncia a reforma, é começar por onde se devêra findar.

Esta faculdade pois a consideramos méra deferencia aos serviços e nome de S. Ex. — A reforma do regulamento dos arsenaes e da contadoria da guerra, bem como a da pagadoria é para nós outra medida de pura confiança, a qual tanto mais se revella quanto se não marcou um limite para as creações de empregos que S. Ex. repete necessarios no novo funcionamento que premedita. Longe de contrariarmos uma reforma que traga a boa fiscalisação que devem ter esses estabelecimentos, accreditamos que a melhor, a mais conveniente n'essas casas de arrecadação e de despesas publicas, é, e será sempre, uma severa escolha de seu pessoal; o qual cumpre seja, alem de instruido nos deveres de seu officio, zeloso dos diaheiros da nação. — Se S. Ex. com a pequena mudança que fez n'este sentido, quando encetou sua administração, teve provas do que vimos de afirmar prosiga com a fortaleza de que é capaz e que lhe empresta sua posição e conceito; e fique tranquillo que terá feito a melhor e mais facil reforma.

A reforma das academias tem sido o escólho onde tem naufragado planos dos mais bem combinados de homens notaveis nos estudos militares. — Cada ministro, parece-nos, que so porque é ministro de repartição onde ha academias, entendo que deve fazer uma innovação! O que temos até hoje observado, com bem pesar do nosso coração, é que a instrucção militar não ha dado grandes passos, entretanto que as reformas se tem succedido com pequenissimos intervallos. Ainda se não sabe, ainda não ha tempo para calcular todos os convenientes e inconvenientes da recente escola de applicação, e a pobresinha, depois de posta sob a vigilancia da alta policia, é já reputada caduca, carecida de espeques para poder proseguir!!! Se S. Ex. quizesse o nosso conselho e o recebesse em bem, lhe diriamos—não bula ahi —; procure e achará quem estude a maneira de tirar todo o partido d'esses estabelecimentos, que n' outros paizes são tão uteis e tão necessarios; peça-lhe o fructo de suas observações; consulte os entendidos na materia; e depois—reformo.

O Ex. Sr. ministro da guerra no seu relatório expoz a necessidade de dar ao batalhão de engenheiros officiaes tirados do corpo de engenheiros. N'este sentido pensavamos que lhe seria dada a faculdade, mas

com alguma surpresa vimos que a commissão da camara dos Srs. deputados tinha ido *ultra petita*, dando à S. Ex. o illimitado poder de ampliar o quadro do corpo de engenheiros conforme as necessidades do serviço.—

E' para nós, desde muito, doutrina corrente ou por outra necessidade palpitante da actualidade, e do futuro d'essa joven classe de officiaes, para que ascendão nos postos, abrir-lhes espaço na sua arma. Sem esperanças se não vive; e ninguem por certo se votará a uma profissão, onde só enxergue abrolhos, privações, nenhuma compensação a seus sacrificios e estudos, e menos ainda nenhum meio de realizar os planos dourados que lhe trace sua joven e ardente imaginação. Com o quadro limitado que existe nos postos superiores do Corpo de Engenheiros, só se attingirá ao ultimo posto na mais avançada idade, quando já se está exausto de forças, quando se tem traduzido o brilho das dragonas pelos commodos que ellas trazem à familia.

Quem se quizer d'isto convencer olhe para os officiaes superiores deste corpo, e os encontrará cobertos de cáas, mirrados em cada posto por 12 e até 15 annos. Parece que a carreira das sciencias mathematicas e militares é a lunica de Nesso que lhe serve de uniforme, e a despedaçal Triste condição na realidade, e mais deploravel ainda quando isto sedá em um paiz novo, como o nosso, onde tudo é esperanças do melhor, onde tudo está por fazer!

Entretanto que assim discorremos, ninguém espere de nós que aconselhemos uma euchente no corpo de Engenheiros; não, o que desejamos é pôr em harmonia o estado das couzas com as necessidades visiveis d'essa importante parte da milicia brasileira. Desejamos ver o corpo de engenheiros subdividido em duas secções, como nos paizes mais adiantados que o nosso, engenheiros civis e engenheiros militares; e tambem que cada uma d'estas subdivisões comporte as differentes classes que lhe são connexas. Por esta forma crearíamos as especialidades e obteríamos em resultado officiaes completos em alguns dos variados ramos d'esta sciencia.

A subdivisão dos estudos é, até certo ponto, como a subdivisão dos trabalhos, theorema de maximas consequencias uteis e importantes, ainda não contestado por nenhum pensador recto, por nenhuma cabeça á que se possa attribuir uma rasão cultivada. E pois é por ahi que aconselhamos o começo da reforma; depois do que, dariamos mais latitude aos postos altos n'esse corpo. Se o Exm. Sr. M. da Guerra quizer dilatar o quadro do corpo sem attender á este nosso voto, faça-o embora, mas não fará o melhor, nem o mais bem

dictado pelas verdadeiras conveniências do paiz, e da sciencia. Obterá maior numero de coroneis, de tenentes coroneis, de majores, mas tel-os-á superficialmente encyclopedicos. Attenda S. Exa. para estas reflexões sem prevenção alguma contra quem quer que suscite que seja d'ellas o aulor; pois que não são dicitadas senão pelo interesse que tomamos no acerto de todas as suas medidas; mormente quando S. Exa. estando na plenissima posse das mais amplas faculdades, pôde fazer grandes bens á classe militar, e ao distincto corpo de engenheiros. O bem e o mal que d'ahi resultar formará no futuro uma pagina de credito ou descredito seu. Desejariamos tambem que a corporação academica dos srs. lentes, que tem postos nas armas seientificas, tivesse uma escala de promoções separada das do corpo de engenheiros; mas por agora não passaremos do que temos sustentado: é esta uma questão que carece de mais largos desenvolvimentos, e que talvez ainda uma vez nos occupe

Foi tambem pela commissão da camara dos srs. deputados authorisado o Exm. Sr. M. da Guerra a supprimir a commissão de promoções do exercito e o commando das armas da córte, substituindo estas duas entidades pelo lugar de ajudante-general. Sem darmos grande apreço á extincção do commando das armas d'esta cidade, attento o mui circumscripito circulo de suas funcções e o pequeno alcance d'ellas na actualidade, vamos-nos occupar sómente com a primeira das referidas medidas. Esta commissão, como todo o paiz se recordará, data de tempos bem proximos; foi instituida com vistas as mais benéficas, e auxiliada com todos os meios de funcionar com vantagem para os officiaes do exercito. Desgraçadamente porém na composição de seu pessoal se não attendeo á que os trabalhos de que tao ser incumbidos seus membros erão superiores ás forças physicas e estado valetudinario dos escolhidos, e que não admittão delegação; muito menos que não deverião recahir em mãos incompetentes ou baldas das necessarias habilitações profissionais acerca das diferentes armas do exercito. Foi segundo a opinião mais bem aceita, esta a cauza do desconceito em que cahio ella. Seja porém qualquer outro o fundamento, a commissão de promoções desconceituou-se no seu nascedouro, evidenciou a necessidade de uma reforma, e por modo tal que sua extincção foi officialmente reclamada e applaudida. Desca ella ao descanso eterno; entoemos-lhe um—requiescat in pace.— Agora portanto que nos vamos ver livres desse flagello, que até sua propria condemnação lavrou, voltêmo-nos de mãos postas, para o Altissimo, e amparados de sua omnipotente mizericordia,

peçamos-lhe que bem inspire á S. Ex. o Sr. M. da Guerra na substituição d'essa defunta.

Venha esse militar independente, zeloso dos direitos alheios de seus camaradas, instruido nos serviços das diferentes armas, conhecedor do prestimo, probidade, valor e instrucção dos officiaes do exercito, e ao lado de S. Ex. coadjuve suas benéficas intenções. D'esta escolha, d'este novo arbitro, do conselho desta alta authoridade ficão pendentes os destinos de todos os militares. Esta consideração de per si só tem tanto alcance que a reputamos base de todas e quaesquer reformas que S. Ex. intente fazer, como o mais poderozo auxiliar com que possa contar para realisar-as com segurança e inteira vantagem publica.

Fazendo votos para que a administração do Exm. Sr. Marquez de Caxias seja a que tenha de executar todas as reformas, no caso de passarem sem limitação ou restricções no outro ramo do poder legislativo, rogamos á S. Ex. que marche com vagar, e despido de prevenções pessoais.

Trabalhos Academicos.

ACADEMIA DAS SCIENCIAS.

Sessão de 24 de Dezembro. Presidencia de Mr. Regnault. Observação de mudez e de aphonia completas, datando de 12 annos, curadas rapidamente pela applicação da electricidade de indução. Por Mr. SEBELLOT.

Hirschel Sara de 30 annos de idade, foi nos mandada para a clinica cirurgica da faculdade de medicina de Strashourg, a 19. de novembro de 1855 por um de nossos collegas, Mr. o Dr. Flamant, de Selestat.

Esta moça tinha sido acommettida, doze annos antes, de mudez e aphonia (falta de voz) completas, apor um vivo movimento de terror.

Desde esse momento recorrerão a numerosos tratamentos, por os antiphlogisticos, revulsivos e antipasmodicos sem nenhum resultado vantajoso. A doente comprehendia perfeitamente tudo o que se dizia em roda d'ella, respondia com gestos, porém estava impossibilitada de pronunciar uma só palavra, e de emitir um só som. Quando tivemos occasião de a examinar, verificamos, como tinham feito antes de nós, uma especie de retracção da lingua para traz e para cima, e cuja ponta dirigida contra a aboboda do paladar, só se abaixava voluntariamente com certa difficuldade, e não podia chegar ao contacto das arcadas dentares, apesar de todos os esforços da doente. O tecido da lingua estava macio e sem alterações apparentes, a de-

glutição das bebidas e dos alimentos era fácil, e a saúde geral não se tinha alterado, não obstante alguns ataques hystericos. A mudez e a aphonia persistião sem interrupção, havia 12 annos; forão verificadas por muitos medicos e eram do dominio do publico.

Os factos que acabamos de mencionar, pareceram-nos demonstrar a existencia d'uma paralytia dos principaes musculos extrinsecos da lingua e particularmente dos genio-glossos, estendendo-se ao apparelho laryngeo, e comprometendo a acção das cordas vocaes. Nenhuma operação estava indicada, porem pareceo-nos que se poderia recorrer com vantagem ao emprego da electricidade por inducção, da qual se conhecem já felizes resultados, e convencio-namos em que fosse applicado o aparelho de MM. Legendre e Morin, que possuíamos.

A 20 de novembro fez-se o primeiro ensaio. Um dos fios do apparelho foi collocado sobre a lingua, e ali applicado ora em um ora em outro ponto, em quanto que o segundo foi levado á apophyse mastoidea na parte superior e posterior do collo, e tornou-se evidente que os movimentos da lingua eram mais livres. A parte do orgão chegava mais facilmente á arcada dentar, ultrapassando-a algumas vezes. Esta primeira tentativa continuada por alguns minutos, apenas se renovou no dia 27 por causa d'uma violenta cephalalgia, que foi d'ella consequencia provavel. A melhora obtida na mobilidade da lingua persistiu, porem não trouxe outras mudanças. A 27 a electricidade applicada da mesma maneira, em presença dos alumnos da clinica, teve effeitos muito mais notaveis. A lingua tocou o intervallo dos labios, franqueou-os, e um instante depois a doente começou a fallar d'uma maneira mui distincta, apesar de se não ter ainda restabelecido a voz. A mudez, vê-se, tinha desaparecido, não obstante a persistencia d'um grau elevado de aphonia, como se encontram todos os dias frequentes exemplos. A pronuncia determinava, quando prolongada, dores ou antes cainbras e fadigas na direcção das regiões hyoidêa e styloidêa dependentes provavelmente da fadiga dos musculos, que tinham reaquirido a sua actividade. Muitas outras sessões de electricisação desenvolveram cada vez mais a voz, que nunca tinha sido muito forte, e a doente voltou para sua casa quinze dias mais tarde perfeitamente curada.

Possuem-se muitos exemplos de resultados felizes da applicação da electricidade na mudez e aphonia, porem nenhum que seja tão notavel pela antiguidade da molestia, rapidez e perfeição do resultado.

Encontra-se nas memorias da Academia das sciencias, anno de 1753, a historia d'uma menina de 14 annos com paralytia e perda da palavra provenientes de terror, e que se resta-

beleceu debaixo da influencia de electricisações repetidas. O tempo decorrido entre o accidente e a cura não foi marcado com precisão, porem não tinha sido de longa duração. Tres factos da mesma natureza vem descriptos em um jornal allemão *Constat's Jahresbericht*, 1843, 47. Um devido a Cezar Pellegrini, é d'um homem de 24 annos, cuja aphonia datando de dezesseis mezes cedeu a doze sessões de electricisação com uma pilha de 70 elementos. O segundo devido ao Dr. Waller é d'um homem de 45 annos, que recobrou a palavra perdida havia pouco tempo. Tinha-se empregado um apparelho electro-magnetico. A terceira observação é d'uma moça simplicitica de 24 annos completamente aphonica, a qual readequirio a voz na terceira sessão de electricisação.

Seria inutil multiplicar exemplos. Insintiremos sómente sobre a frequencia das paralyzias por um accesso de terror, e sobre a instantaneidade das curas por vezes obtidas; apoz um lapso de tempo mui consideravel. Deve-se pois concluir que a modificação organica provavelmente sobrevinda ao tecido nervoso na origem dos nervos cerebraes, senão em algumas partes do encephalo, é uma modificação pouco profunda, pouco resistente á influencia de certos excitantes apropriados, e que uma viva emoção dando um forte abalo ao apparelho cerebro-espinhal, pôde ser até certo ponto comparada á acção do galvanismo. Explicar-se-hião assim estes factos miraculosos, que em todos os tempos tem excitado a attenção publica e merecido o interesse dos observadores.

Em todo o caso a cura da nossa doente mostra, que a antiguidade da mudez e da aphonia determinadas por uma causa repentina, tal como o terror, sem lesões organicas profundas, não deve ser motivo para desesperar, nem para abandonar o doente na supposiçào de incurabilidade, que nada demonstra.

(*Gazeta Médica de Paris*, n. 2, 12 de Fevereiro.)

Dr. Almeida.

Das doenças das arvores fructíferas, dos meios de as evitar, e de as curar.

Por Ferdinand Robens, professor de arboricultura, e director da sociedade de economia rural da Prussia Rhemana.

CAPITULO I.

ORIGEM DAS DOENÇAS DAS ARVORES.

(Continuação.)

§ 9.º — *Feridas exteriores.* As feridas podem ser resultado de contusões, do roçar dos ramos entre si ou contra qualquer outro ob-

jecto : podem tambem ser produzidas pelos dentes dos animaes, por qualquer instrumento cortante, ou por um frio rigoroso, que faça rachar a casca da arvore.

Bastantes vezes estas feridas são de uma gravidade tal, que fazem perecer a arvore, o que acontece sobretudo quando abração toda a circumferencia da arvore. Entre as mais perigosas distinguem-se as cuja origem provem da fractura de grossos ramos, que em sua queda ferirão a casca. N'este caso convem serrar logo a haste ferida o mais perto possivel do tronco, adoçando o córte com o podão, e arredondando-o bem para que as aguas ali se não depositem, e cobrir cuidadosamente a parte ferida com um unguento, renovando esta operação tantas vezes, quantas for necessario. Imensas feridas, e ás quaes se não presta attenção e que entretanto são causas muitas vezes de molestia, e até de esterilidade, provem do pouco cuidado, que se emprega na colheita dos fructos.

Se se fizer uso de escada, deve ser com muito tento, afim de se não quebrarem os rebentes e as hastes. A apanha dos fructos por meio de grandes varas ou páos prejudica grandemente as arvores e os fructos, pois que, roçando pela casca, ou quebrando os ramos, occasiona a molestia denominada *queimadura*. Arrancar os ramos offendendo a casca para lhes apanhar os fructos, é coisa que nunca se deverá fazer. Isto ou esterilisa as arvores, ou causa-lhes, ás vezes, males irreparaveis.

§ 10. — *Insectos roedores*. Os estragos que os insectos e outros animaes fazem ás arvores fructíferas, são bem conhecidos de todos desgraçadamente. Tem acontecido desapparecerem bellos pomares, destruidos pelos lagartas e insectos de toda a casta. A circulação da seiva interrompida, a transpiração impedida á força, são as consequencias d'este mal : certo numero de arvores, de ordinario, morrem cada anno por esta causa.

Se a arvore não estiver bem enraizada, pouquissimas vezes se curarão com a segunda seiva e os rebentos não terão força sufficiente para resistirem á estação invernos.

Alem das lagartas ha a temer muitos insectos, taes como a borboleta, o *cucullio pomorum* que são prejudicialissimos aos vegetaes.

Acabamos de enumerar as principaes causas das doencas das arvores fructíferas : quanto ao seu curativo alcançao-se bons resultados, modificando a natureza da terra, ministrando ás arvores ar e luz em abundancia, empregando o decote com discernimento, e curando as feridas com remedios proprios.

Iremos agora tratar das differentes doencas em particular, e dar os meios de as evitar e curar.

CAPITULO II.

MEIOS DE CURAR AS DOENCAS DAS ARVORES.

§. 1.º — *Fendas na casca : meio de as curar*. As fendas da casca são uma doença, a que se achão mais expostas as grandes arvores do que as pequenas. Provem esta molestia ou do frio, que damnifica os vasos, por onde passa a seiva, ou de um terreno em demasia substancial, que os enche de uma seiva superabundante.

Este ultimo inconveniente remedeia-se modificando a terra, por meio de uma addição de areia ou de terra franca, ou por meio de sangrias, se a causa d'este mal é a humidade da terra.

Quando a fende é produzida pelo frio, é sempre acompanhada, no momento de apparecer, por uma detonação, que não deixa duvida sobre a causa que a motivou. E' preciso então, quando se tratar de arvores velhas, raspar com o podão, e tirar até ao são a casca velha, e pôr a chaga ao abrigo da humidade e dos insectos, cobrindo-a com um cimento qualquer. Se se não fizer isto, o alburno secca, o cancro apparece, e uma multidão de insectos se estabelece na cavidade que provem d'esta lesão.

Quando esta molestia atacar as arvores novas e fortes, podem empregar-se no seu curativo varios meios que vamos indicar

A. — *Sargria*. — Esta pratica-se, dando-se na casca do tronco, desde o lugar onde começão os ramos até as raizes, um golpe fino, que pôde seguir indifferentemente uma linha recta ou curva. Serve-se para isto de uma facca de folha larga e ponteaguda. — A fim de não cortar inteiramente a casca, porque importa muito não offender o tecido celular, o que poderia prejudicar a arvore, mette-se a facca em uma especie de bainha, e apenas se deixa sahir o ferro que é necessario para fender a casca até a metade da sua grossura. Nas arvores muito fortes pôdem fazer-se dois ou tres d'estes golpes ao lado uns dos outros ; porém então não devem ser tamanhos, basta que tenham palmo e meio. Esta operação deve executar-se em dia bom da primavera, no lugar onde a casca estiver mais lisa, e do lado do poente ou do norte. Se a sargria tiver de repelir-se, convem ser em outro lugar mais afastado. Emprega-se tambem este meio para fazer engrossar a haste principal, e para indereitar as tortuosidades das arvores. E' vantajoso nas arvores novas e mui vigorosas, e não é nocivo senão quando d'elle se abusa.

B. — *Incisão annular praticada na semi-circumferencia da arvore*. — Este remedio de um uso vantajoso nas arvores novas, em que a casca está ainda lisa e branda, é impraticavel nas arvores, em que a idade tem tornado a casca espessa e rugosa ; porque elle

consisto em se dar golpes mui finos horisentaes na metade quasi da circumferencia do tronco.

E' conveniente que estes golpes, do comprimento de palmo, sejam separados entre si por 3 a 4 pollegadas. Esta operaçao é repetida tambem do lado opposto, havendo o cuidado de fazer coza que estes golpes nunca se encontrem. Para isto as incisões devem ser de um lado mais acima do que do outro 1 ou 2 pollegadas. Estas incisões podem praticar-se quer nos ramos, quer na haste principal.

Quando se quiser empregar este remedio nas arvores, cuja casca for grossa e fendida, e que já não tem sufficientes forças para se despojarem do seu velho involucro, deve arrancar-se a casca velha por meio de um ferro não aliado, afim de se operar em casca nova e lisa.

C. — *Arrancamento da casca.* — Este meio é raras vezes empregado, por que é mais perigoso que os dous antecedentes. Consiste em praticar, em toda a circumferencia da arvore, dous golpes parallelos na distancia de 4 pollegadas um do outro, e arrancar a casca exterior comprehendida entre estes dous golpes, havendo cuidado de não offender a casca interior o verde, afim de que não padeça o tecido cellular. Cobre-se depois a parte, d'onde se tirou a casca, com um panno. Passadas algumas semanas a ferida cicatriza-se.

Esta operaçao que deve ser feita na primavera, antes que a seiva esteja em plenn actividade, é algumas vezes empregada para tornar fertes as arvores, que por superabundancia de seiva, perdem uma parte das flores e dos fructos.

§ 2.º — *Morte das arvores novas.* Acontece muitas vezes que arvores novas não crescem na primavera, ou que apenas dão fracos rebentos, cujas folhas amarellecem e cahem no correr do verão. Quando isto succeder, convem examinar a arvore com cuidado, e escavar a terra para ver se os ratos não tem roido as raizas. Se se descobrirem os ratos, convem logo extirpal-os; e remedeião-se pelo modo seguinte os estragos feitos. Decotão-se as raizas, bem como os ramos atacados, e envolvem-se as feridas com pedaços de panno de lã para facilitar a reproducção de novas raizas, e transplantar-se a arvore para um terreno substancial, e onde não lhe dê muito o sól. Regão-se abundantemente, sendo conveniente que na agua da rega se deito alguma porção de estrumes liquidos. Se se tratarem assim ellas não tardarão a vigorar, e até se poderá depois mudal-as para os seus primeiros lugares.

Muitas vezes o estado do definhamento de uma arvore pôde ser occasionado pela falta de ar e de luz, ou pela natureza do sólo ser adversa á sua especie. Neste caso convem logo re-

mover as causas do mal, e decotal-a sufficientemente no outono e na primavera.

E' possivel algumas vezes prolongar a vida das arvores velhas, cortando a parte da corda das raizas, que padece mais, e as porções dos troncos, ou das hastes defeituosas; porém o que ha de melhor a fazer é cortar uma parte dos ramos na primavera, e outra parte na primavera seguinte. Quando isto se praticar, deve adoçar-se com a podca a parte d'onde se retirarão os ramos, e cobrir as feridas com um unguento adequado. Se a casca está contaminada ou doente, deve tirar-se, e livrar depois as partes algumas do contacto do ar, e dar ás raizas alimento substancial por meio de estrumes.

O melhor meio de dar vigor ás arvores velhas é enxartal-as.

§ 3.º — *Consumpção ou phtysica.* — Esta molestia pôde provir ou da velhice, ou de uma fertilidade excessiva. Tambem se origina do crescimento de numerosos filhos, da falta de alimentos, e de uma longa secca. Aparece tambem quando as raizas apodrecem, ou quando estas são roidas pelos ratos. A casca das arvores, atacada d'esta doença, está ordinariamente coberta de musco; observão-se nas hastes lugares inflamados; as extremidades dos ramos definhão, as folhas seccão e cahem cedo; a arvore apenas dá pequenos fructos e disformes, que, em geral, não amadurecem: o crescimento vai cessando a pouco e pouco, até que a arvore sécca e morre.

Se a arvore é ainda nova, é preciso transplantal-a para um bom terreno, decotar bem os ramos, e tratal-a cuidadosamente; pois que ella pôde crear forças, e dar ainda, por espaço de muitos annos, optimos fructos, que indemnisem do trabalho que com ella se teve.

Se as raizas forão roidas pelos ratos, é necessario lavar-as, ainda que estejam redusidas a mui pouco, envolvel-as em pedaços de qualquer panno de lã, que se devem atar 3 ou 4 pollegadas da sua extremidade. Feito isto, junta-se e calca-se a terra á roda das raizas, e alguns dias depois ata-se a arvore a um espeque. De ordinario as arvores se restabelecem, e vigorão depressa.

Se a arvore for velha, o que impede que se possa transplantal-a, deve-se cavar a terra á roda, e dar-lhe substancias que a nutirão bem. Depois limpa-se do musgo de que está atacada, lava-se com agua salgada, ou com lexivia, cortão-se as partes affectadas da inflamação, e cobrem-se as feridas com pez.

De todos os adubos que podem ser empregados para excitar o vigor de uma arvore, e restabelecer o seu crescimento, os mais energeticos são os excrementos velhos dos pombos e os das galinbas. Colleca-se este estrume junto ás raizas, do modo porém que não fiquem em

immediato contacto, e cobre-se com boa terra extrahida da horta. Uma arvore tratada assim é quasi certo que se ha de restabelecer.

(*Continua.*)

Etapas principaes e criação de cavallos.

Continuação.

IV. DA COBRIÇÃO.

Os methodos seguidos na direcção do acto da cobrição ou copula da especie cavallar convem serem conhecidos, porque exercem poderosa influencia na conservação dos pais e fecundação das eguas.

A época da cobrição é determinada pelo apparecimento do cio, isto é, d'aquelle impulso poderoso que, tendo lugar em épocas fixas para cada especie de animaes, desperta imperiosamente em todos elles o instincto da reprodução. Na egua manifesta-se por signaes exteriores mui significativos, mas nos machos não existe propriamente tempo do cio, porque em todas as estações elles tem disposição a cobrir as eguas.

E' na primavera que se manifestão esses signaes, e que deve ter lugar a cobrição; 1.º, porque o estado de excitação em que se achão as eguas, se não é indispensavel, pelo menos é muito favoravel á sua fecundação; 2.º, porque devendo ser de onze mezes o tempo da gestação, os nascimentos tem lugar no anno seguinte, em época em que as influencias phisicas exteriores são mais favoraveis ao desenvolvimento dos recém-nascidos. A temperatura na primavera é moderada; e sabe-se que, elevada ou fria, ella pôdo ser prejudicial aos novos animaes que não estão, como os adultos, aptos a resistirem ao calor, e principalmente ao frio.

O ar mais secco e excitante d'esta estação exerce salutar influencia sobre a constituição dos pequenos animaes, ou directamente, ou indirectamente sobre as mães, e tambem pelas modificações que imprimem nas plantas alimentares. No inverno o ar é frio, e muitas vezes humido; no verão os recém-nascidos são atormentados pelo calor e dentadas dos insectos alados, a vegetação acha-se adiantada e as plantas nutritivas não estão, em relação aos órgãos digestivos das mães, nas condições em que estavam no principio da primavera; então verdes e tenras, cheias de principios assucarados fornecião os materiaes mais convenientes para o bom leite.

Não ha portanto que hesitar em preferir os começos da primavera ás outras estações para fazer o lançamento.

As eguas cobertas nos principios da primavera dão melhores poldros que as que são cobertas tarde. Deve-se tambem attender a que os poldros que nascem tarde, e que se comparão com os que tem alguns mezes de mais, conduzidos ao mercado, sendo mais fracos e mais pequenos, alcanção preços inferiores; mesmo porque é difficil provar que seu pouco desenvolvimento é devido á sua mais tenra idade.

Deve-se tambem notar que é mais facil garantir os animaes do frio que dos calores fortes, e que pelo que toca ás eguas, que tem de parir em estribarias, não é muito para temer o frio; e por isso convem que ellas sejam cobertas quando a estação estiver pouco adiantada.

Reconhecida a necessidade de se fazer cedo o lançamento procurarão-se meios de fazer apparecer o cio nos tempos mais convenientes, não porque, devemos repetil-o, seja ello indispensavel para que se effectue a fecundação, mas para que ella se torne mais facil.

Autigamente empregava-se para isso substancias estimulantes, como sementes de canhamo, alhos, pimenta, e pós de cantharidas, sendo de rigorosa indicação sangrar, e administrar refrigerantes depois da concepção; era o contraveneno depois do veneno. Hoje estão despresados esses habitos extravagantes e pouco razoaveis. Costuma-se dar ao garanhão antes e depois do lançamento nutrição mais succulenta e de melhor qualidade, a fim de lhe fornecer meios de reparar as perdas diarias; com quanto não seja sempre indispensavel essa precaução. As fêmeas quando são mui gordas e limphaticas é preciso emagrecel-as e excital-as pelo trabalho e exercicio; outras ao contrario, e em maior numero, devem ser excitadas por melhor alimentação. Para fazer apparecer o cio os cultivadores costumão approximar a egua do garanhão de modo que se possam ver, e apresental-a mesmo a um cavallo ardente e de pouco valor, e que mesmo a cubra.

Os ardores que se manifestão ou naturalmente ou por qualquer influencia artificial, tem duração variavel e renovão-se periodicamente durante um certo tempo, mas diminuindo de intensidade e duração. Convem portanto satisfazer as fêmeas logo das primeiras vezes, porque pôdo acontecer que elles appareção tarde, e corre-se então o risco de soffrer os inconvenientes resultantes da cobrição tardia.

As eguas podam ser cobertas todos os annos. A mesma natureza o indica, porque

nunca ellas concebem melhor do que 8 ou 10 dias depois do parto, e não parecem soffrer criando no tempo da gestação, nem os poldros resentem-se sensivelmente d'isso. Devemos notar mai s que não sendo tão facil nas eguas, como nas fêmeas dos outros animaes, a fecundação, fazendo-as cobrir só de dous em dous annos, segundo costumão alguns creadores, á causa apontada accresce mais esta para haver menor numero de productos. Bons alimentos e em quantidade sufficiente, ministrados ás mãs e filhos, e diminuição de trabalho áquellas, permitem activar a reprodução, sem que a saude e a bondade das raças venhão a soffrer a menor alteração. Esta regra deve soffrer portanto poucas excepções.

(*Continúa*).

Superstição dos musulmanos para com as pedras preciosas.

Os musulmanos mostrão grande predilecção pelas pedras preciosas, julgando com isso cumprir um dever religioso, ao passo que dizem que ninguem deve comparecer na presença de Deos senão vestido com a maior simplicidade e humildade.

O ouro na opinião d'elles é o symbolo do esplendor e da nobreza, e o ferro o da impureza e immundicie; mas é nas pedras preciosas que julgão manifestar-se o poder e bondade de Deos, e por isso lhes attribuem virtudes mui particulares.

O *rubim*, por exemplo, fortifica o coração, livra da peste e do rato, e posto sobre a lingua aplaca a sede; enfim livra o homem de tentações de se afogar.

A *esmeralda* é excellente especifico contra dentadas das viboras. Basta mesmo mostrar-a a essa especie de cobras para se lhes vasarem os olhos. Cura tambem dôres de estomago, a epilepsia, e fortifica a vista.

A *turquesa* possui quasi as mesmas propriedades, mas deve ser mais particularmente empregada contra os escorpiões.

A *cornelina* varia de virtudes segundo as suas côres: a de um vormelho carregado serve para prevenir os terriveis effeitos da colera; a côr de carne, com riscas brancas faz parar as hemorragias; a branca cura dôres de dentes.

A *hematite* é um excellento contraveneno; e a *jade*, que é uma especie de esmeralda, é o melhor dos para-raios e afasta os mãos sonhos.

Outras pedras menos estimadas tem virtudes divinas; o *olho de gato* por exemplo torna as pessoas invisiveis; o que não deixa de ser commodo para a guerra, e aventuras amorosas.

E' quando basta para dar a conhecer a sagacidade e delicadeza das observações dos philosphos *marabutos* do grande propheta.

(*Trad.*)

Um mecanismo celebre.

O mathematico e mechanico Descarnus descreve no seo *Traité des forces mouvantes*, Paris 1722, uma pequena machina mui engenhosa que fez para offerrecer ao Delphim, filho de Luiz XIV: consistia em um carrinho que por si mesmo se movia sobre qualquer mesa.

O mecanismo em que se fundava apresentava em seus movimentos particularidades mui curiosas que merecem ser mencionadas pelas proprias palavras com que o celebre mechanico descreveo a sua obra prima.

« O espaço marcado para ser percorrido pelo carrinho era a mesa do conselho do Rei, em Versailles; a qual tinha de comprimento 7 pés e 40 pollegadas, e de largura 3 pés e 6 pollegadas. Collocou-se o carrinho na extremidade da mesa, opposta á em que estava collocada a poltrona do Rei; e no mesmo instante os cavallo moverão as pernas, dobrando-as e logo erguendo-as e despedirão como se fossem vivos. Logo que chegarão ao outro extremo da mesa o cocheiro que os guiava, puchou pelas redeas para os fazer voltar.

O carrinho percorreo assim todo o comprimento da mesa segunda vez; mas voltando ainda uma vez, o cocheiro fez-o passar entre o tinteiro do Rei, e papel que estava sobre a mesa. Estando ali precisamente em frente do Rei parou, e immediatamente um laçao que ia atraz saltou em cima da mesa, e um pequeno pagem vestido a *hussar* tambem desceo, correu á portinhola e abriu-a.

Sahio logo depois uma dama que estava dentro, e encaminhou-se para o Rei, a quem depois de fazer uma profunda cortezia, apresentou uma petição com maneiras tão graciosas como naturaes, esperando um pouco, como para receber a resposta. Durante esse tempo o pequeno pagem divertia-se com a portinhola abrindo-a e fechando-a alternadamente.

Depois a dama fez segunda cortezia ao Rei, e encaminhou-se para o carrinho, onde entrou, voltando-se um pouco de lado para não perder de vista ao Rei, e sentou-se. O pequeno *hussar* fechou logo a portinhola, e trepou para ir sentar-se no seu lugar. Immediatamente o cocheiro deo uma chicotada e os cavallo seguirão. O laçao correo então atraz do carrinho e saltou-lhe atraz com a maior agilidade. Os cavallo voltarão terceira vez no canto da mesa

e caminharão ao longo d'ella, sempre governados pelo cocheiro, que de vez em quando os açoutava. Por fim o carrinho parou por si mesmo no lugar d'onde partira.»

(Trad.)

Gostos Gastronomicos.

Napoléon gostava muito de café, e tomando muitas vezes vinte chicaras por dia, não passava mal. Os outros prazeres da mesa lhe são assás indifferentes: por isso seu camarista de confiança, Mr. de Cussy, gastronomo requintado, lamentou toda a sua vida que tivesse faltado ao seu imperador o gosto por esses prazeres; e dizia muitas vezes que o maior homem não podia ser completo.

Diz-se tambem que Napoléon todos os dias comia um frango e costelletas; e acrescenta-se que em qualquer lugar e a qualquer hora, á primeira voz, devião apresentar-lhe o café, o frango e as costelletas. Isto faz lembrar a anecdotta do triumviro Marco Antonio, que mandava todos os dias assar nas suas cosinhas do Egypto doze javalis, para estar sempre um prompto na occasião em que lhe apparecesse o appetite.

O celebre astrónomo Lalande, que morreu em 1807, tinha um gosto muito singular, e que merece as honras de ser mencionado. Gostava muito de aranhas; quando podia, apanhava-as com a maior delicadesa, e apesar do movimento das suas pernas, levava-as á boca, chupava-as, saboreava-as e engolia-as com deliciosa sensualidade.

Nicolo, celebre musico, gostava muito de macarrão, e costumava preparar, a sua vontade, o que se lhe apresentava á mesa. Com uma pequena seringa injectava em cada tubo da massa lutano de vacca, *foie grass*, pedacinhos de carne de caça e de trufas; e regalava-se com essa succulenta iguaria com o maior recolhimento, tapando os olhos com uma das mãos para evitar qualquer distracção.

Lord Byron não almoçava nem ceia: a unica refeição que tomava, á qual chamava seu jantar, consistia em queijo velho de Cheshire em estado de perfeita decomposição, pepinos e couves vermelhas do conserva em vinagre. Comia muito d'esse queijo que regava com cidra ou cerveja de Burton, e depois do jantar bebia vinho e licores. Tomava chá, e muito forte.

Byron, apesar do seu genio, sua cabeça forte e seu scepticismo, era supersticioso; nada de importante fazia á sexta feira; era para elle de máo agoiro o virar-se-lhe á mesa a saleira, ou a galheta de azeite; mas tirava um bom pre-

sagio de se lhe entornar o vinho; o que devia ser má consolação para um beberrão.

Frederico, o grande, gostava muito de *polenta*, especie de bolo feito de cevada reduzida a pó e torrada. Este principe rivalisava com seu amigo Voltaire na paixão que tinha pelo café.

O celebre gastrónomo romano Apicio, cujo nome é proverbial, e que escreveu um tratado da arte culinaria, era muito apaixonado por lagostas, principalmente de Minturnes, que passavão pelos melhores. Tendo ouvido dizer que nas costas d'Africa havia-as maiores e mais delicadas, fretou immediatamente um navio para se ir certificar d'isso. Chegando ao termo da sua viagem encontra um barco de pescadores, aos quaes pede lagostas das melhores d'essas paragens, e vendo que não são melhores que as do Minturnes volta sem demora, e vai continuar a regalar-se com as lagostas das costas da Campania.

Depois de ter dissipado cem milhões de sestercios, — mais de sete mil contos de réis, — e vendo que pagas as suas dividas restavão-lhe apenas dez milhões de sestercios, ou pouco mais de setecentos contos, envenenou-se com receio de morrer de fome.

Rogerson, gastrónomo inglez, gostava muito dos passarinhos chamados verdelhões. Conta-se que esse emulo de Apicio despendeu no espaço de nove mezes com a sua mesa e experiencias culinarias 150,000 libras sterlingas; o que compunha toda a sua fortuna. Reduzido á miseria e ao triste estado de mendigo empregou o ultimo guinéu que pôde obter de esmola em mandar preparar um verdelhão, seu manjar favorito; e depois de o ter saboreado com todo o deleite de um mestre consumado na arte de regular o paladar, matou-se com um tiro de pistola.

A vivandeira.

(Canção lyrica.)

Ai que vida que passa na terra
Quem não ouve rufar o tambor,
Quem não canta na força da guerra
Ai amor! ai amor! ai amor!

Quem a vida quizer verdadeira,
É' fazer-se uma vez vivandeira.

Ai que vida, esta vida que eu passo,
Com tão lindo, gentil mocetão,
S'eu depois da batalha o abraço,
Ai que vida p'ra o meu coração!

Que ternura cantando ao tambor,
Ai amor! ai amor! ai amor!

Que harmonia não tem a metralha
Derrubando fileiras sem fim;
E depois, só depois da batalha,
Vê-lo salvo, cantando-me assim:

Em t'as marchas fazendo trigueira,
Mais t'eu amo, gentil vivandeira.

Não me assustão trabalhos da lida,
Nem n'as balas me fazem chorar;
Ai que vida, que vida, que vida,
Esta vida passada a cantar.

Qu'eu lá sinto no campo o tambor.
A fallar-me meiguices de amor.

Só na guerra se matão saudades,
Só na guerra se sente o viver;
Só na guerra se acabão saudades,
Só na guerra não custa o morrer,

Ai que vida! que vida! que vida!
Ai que sorte tão bem escolhida!

Mas deixemos os cantos sentidos,
Estes cantos do meu coração;
Mas prestemos attentos ouvidos
Ao taplão, rataplão, rataplão.

Ao taplão, rataplão que o tambor,
Vai cadente fallando de amor.

Ai que vida que passa na guerra,
Quem pequena na guerra viveo;
Quem sósinha passando na terra,
Nem o pai, nem a mãe conheceo!

Quem a vida quizer verdadeira,
É fazer-se uma vez vivandeira.

L. A. Palmeirim.

Uma noite de orgia.

I.

Era uma noite de inverno.

Resfriada, e arripiante a viração sacudia e borrifava de nevoa os movediços lampeões, cuja luz mortíça morria e revivia a cada instante.

Dous vultos embuçados em largas capas, e com as cabeças escondidas em grandes chapéus desabados caminhavão lentamente por uma rua escura.

As feições de seus rostos mal poderião distinguir-se ao rapido clarão dos charutos que ião fumando. E entretanto se Raphael

ou Canova suspendessem um pouco as largas abas d'esses chapéus descabidos bem poderião augmentar sua gloria o primeiro retratando em uma só tela dous lindos rostos morenos, duas largas frentes, onde palpitava a arteria do genio, e dous... não, um só sorriso em que se confundião a dôr e o escarneo, o soffrimento e a descrença; e o segundo esculpindo-os, em um grupo, no marmore. Quem os visse, aquelles olhares firmes, e cham-jantes, aquelles cabellos negros negligentemente cahidos sobre as fontes, aquellas rugas profundas que lhes sulcavão as frentes, aquella oscillação constante da veia do pensamento, como já o disse alguem, não poderia duvidar: erão poetas! E sabeis vós o que são poetas? Não; que os poetas só os comprehende Deus! E é por que entre Deus e o genio ha uma cadeia de sensações, cujos élos são o amor, ha uma linguagem mystica e suave que os homens na terra não comprehendem. Curvão-se ao genio, é verdade, por que o genio os fascina; por que o Sól não pôde deixar de queimar; applaudem o poeta por que o poeta encanta, por que a harmonia tem uma corda nas fibras do coração, tem um écho n'essa lyra de sentimentos, que rebôa nas paredes do peito, como o som do orgão se enfia melodioso pelas naves do templo! Oh! é que a poesia é a filha dilecta de Deus, o anjo mais puro de sua côrte celeste, a melodia mais terna de sua harpa divina, a estrella mais brilhante de seu firmamento magestoso! Oh! é que a poesia é o amor, e Deus quiz que o amor fosse puro como a agua mais pura, terno como as saudades de uma mãe, sancto como o pensamento da virgem! Mas o amor só o comprehendem os poetas, e esses só os comprehende Deus!

E os dous vultos caminhavão. Pobres poetas, ou como os deomina o mundo, pobres loucos! Em suas frentes orgulhosas lia-se o sello da eternidade, marcado pelo dedo de Deus, em seus peitos batião vigorosos dous corações sentidos, mas mirrados pelo soffrimento; e em seo unico sorriso havia fêl, havia descrença. Pobres poetas, pobres loucos! Erão dous cysnes desterrados do lago de seus amores, dous anjos de melodia, que roçarão as pontas brancas de suas azas de ouro na poeira da estrada, que devassou o caminheiro do mundo com suas sandalias immundas; duas cordas estaladas de alguma harpa do céu, que perdeo a harmonia ao cabir na terra.

Pobres poetas, pobres loucos!

II.

E os dous vultos caminhavão sempre.

Sempre pensativos como os anjos do cemiterio a entornarem saudades sobre as campas dos mortos!

E lá quasi ao findar da rua via-se de longe bruxulear uma luz pallida que ia pouco a pouco crescendo.

— E' o signal, disse um d'elles.

— E' verdade, disse o outro; e silenciosos e mudos por um instante, se algum se aproximasse d'elles e os contemplasse á luz do lampião que allumiava a rua, veria deslizar-se-lhes pelas faces duas grossas lagrimas.

Oh! esses pobres poetas parecião ter tragado até as fezes o calix amargoso de suas illusões perdidas!

Mas um d'elles quebrando o silencio disse para o outro em tom de voz que cortava o coração:

— E' um crime hediondo o que vamos commetter, André; sentemo-nos primeiro e confessemos-nos mutuamente.

Este pobre moço inda tinha um resto de fé no coração, um pouco de crença no futuro, algum temor de Deos!

— Tens razão, Carlos, disse-lhe o outro em tom de horrivel sarcasmo, procuremos fazer pazes com Deos, para que as nossas almas não caibão em partilha ao demonio.

— Não te rias, André; vamos suicidar-nos, e o suicidio é um peccado.

— Pois bem, sentemo-nos, disse André, e conversemos.

E os dous poetas sentárão-se á soleira de uma porta.

Uma rajada de vento açoitou com sua cauda impetuosa os rostos varonis dos moços; e arrebatou a cinza do charuto de André.

— Vês, Carlos, como o vento roubou-me a cinza do meu charuto? Pois assim é a vida. Um momento de embriaguez, de delirio e evapora-se a alma de nossos corpos como se evapora a fumaça dos nossos charutos.

— E' verdade, disse-lhe Carlos, mas a fumaça morre no espaço, e a alma vai responder a Deos no outro mundo.

Uma risada de louco, inarticulada, sem som, hedionda, convulsiva, foi a resposta que leve. Apesar de habituado a ellas o pobre companheiro pareceu ficar petrificado.

— Sou mais feliz do que tu, disse-lhe elle, porque um pouco de religião vem adoçar-me as ulceras da alma, como um balsamo santo derramado pelas mãos de Deos, ao passo que a descrença já crestou-te de todo o coração. Fallemos um pouco do nosso passado..... E o outro continuou a rir.

— Fallemos de nossos amores, de nossos sonhos cortados, de nossas illusões perdidas...

E André continuava a rir, um riso roxo de fel e de escarneo!

— Fallemos um pouco de nossas mãis!

— Nossas mãis! disse o mancebô pros-

trado, como se aquella idéa lhe contrahisse todas as fibras do cerebro, como se aquella palavra lhe reunisse todas as cordas do coração para darem um unico som de melodia religiosa, concentrada, intima, verdadeira, do céo! Oh! coitada de minha mãe, disse n'um tom que commoveria a alma mais fera!

— Bem sabes, disse-lhe Carlos, fomos talhados para o soffrimento.

— Minha mãe! disse André, como se não houvesse ouvido a voz de seu amigo.

— Eu tambem tive nma mãe, a quem adorava com todas as forças da alma, com a effusão sincera de um coração christão, com o amor de um verdadeiro filho, disse Carlos, tambem tive um pai que fazia a ventura de minha existencia, e umas irmansinhas que erão as mais puras flores do jardim de minhas affeições; e tudo, tudo abandonei por uma mulher que me illudiu, que prostituiu os meus mais puros sentimentos, que me gastou a alma com emoções desordenadas, e me tresvariou o cerebro com sonhos de uma felicidade louca, e impossivel!

— Minha mãe, disse concentrado e indifferente André, minha mãe, como eras pura e bella, como morreste martyr de tuas mais puras affeições, de teus mais energicos sentimentos!

— E eu tudo sacrifiquei ao amor.

— Tambem eu, disse-lhe bruscamente André levantando-se, mas basta que já temos conversado de mais... a que vem agora essas recordações!

— Pois bem, vamos, disse Carlos levantando-se tambem, Deos lê em todos os corações.

— E o mundo não sabe comprehender-nos, disse André em tom de amargura.

E elles lá se forão caminhando soturnos e cabisbaixos como os genios das trovões.

N'aquellas duas almas tranzidas de soffrimentos palpitava ainda semivivo o sentimento do amor, e n'aquellas duas cabeças aninhava-se um só pensamento, mas um pensamento louco, um pensamento de morte!

Ao chegarem á casa em que de longe tinham avistado a luz, Carlos batendo á porta disse para André: — é aqui... o nosso tumulo!

— Entremos, disse André entrando arrebatadamente.

III.

Era uma sala estreita, no meio da qual estava uma mesa resplandecente de luzes, e ressendendo o aroma embriagante de manjares e vinhos exquisitos. E em torno d'ella havia

seis cadeiras, pois erão seis os convivas da orgia, os actores de um drama de materialidade, que se ia representar.

De seis janellas symmetricamente collocadas em redor d'essa sala, duas davão para a rua escura d'onde os nossos poetas tinham avisado a luz que lhes servira de signal; duas outras abrião-se para um pateo ladrilhado de pedra, e as duas fronteiras para o mar.

Sentárão-se á mesa André e Carlos os dous poetas, José pintor de retratos, e junto de cada um d'elles uma mulher. Erão trez mulheres bellas como Siomara a Gaulesa, mas devassas como as princezas de Nesle!

— Como estais hoje bellas, disse André, esvasiando um copo!

— E como sois lisongeiro, disserão todas ellas, virando os seus!

— Olá José, disse Carlos, lembra-te que não deves beber muito, porque tens de tirar ao amanhecer os nossos retratos.

— Não vos dê isso cuidado, disse José despejando o resto do vinho de uma garrafa, a qual atirou por uma das janellas ao pateo.

— Já viste Carlos, disse André, como está encantadora a minha Marianna, como tem as faces rozadas?—E ella rio-se descaradamente!

— Bebe mais, Mathilde, disse José cahindo sobre a mesa, ao ir tomar uma garrafa.

— Como é doce este vinho, disse a moça, sem sentir que se lhe derramava o liquido pelo collo!

E ellas erão bellas como a despozada de Abydos, mas perdidas como as mulheas publicas da cidade maldicta.

Elles comerão e beberão como feras esfaimadas.

E ellas cantavão, bebião e rião de contentes.

E as ondas em rolos de espuma vinhão saudar com repetidos urros os freneticos gritos dos convivas da orgia!

E elles bebião como loucos, a partirem a alma entre o tuir dos copos e o estalar de beijos lubricos e escandecidos!

E ellas tambem a rir, e a beber offerecião a nudez de seus seios impuros á voracidade d'aquelles labios sedentos.

E com os olhos accesos, com as faces vermelhas e acaloradas, com os seios impudicos descobertos á voragem d'aquelles oihos incendiados de soffreguidão e desejos; ellas erão sempre bellas!

— Mais um beijo, disse Carlos levantando-se e cahindo, arrastando em seus braços o corpo languido e voluptuoso de Izabel prostrada pela embriaguez!

— Não me fujas Marianna, disse André estendendo os braços, e derrubando um candelabro que lhe cahio por cima.

— Está bebado, disse Marianna; e em uma gargalhada convulsa rolou pelo pavimento até debaixo da mesa!

Mathilde, havia muito que dormia estendida no chão, escorrendo-lhe ainda da bocca restos de uma onda espumosa de vinho!

E José o pintor roncava sobre a mesa abraçado com uma garrafa!

A noite terminou assim. As luzes forão pouco a pouco morrendo, e a aurora apavonando-se em seus leques de ouro veio derramar os seus primeiros clarões sobre uma scena de devassidão e de horror!

Todos aquelles rostos estavam lividos, e profundas olheiras sulcavão as faces d'aquellas mulheres loucas.

O primeiro que accordou foi o pintor; chegou-se para uma das mulheres, abalou-a muitas vezes até que ella abrindo os olhos e estendendo os braços pediu agua; a segunda foi a querer levantar-se e cahio desfallecida n'um lago de vinho e restos de manjares; a terceira abrio os olhos e moveu os braços, mas não poude fallar.

E os dous poetas, não sei porque fatalidade achavão-se juntos e abraçados; mas com os rostos palidos e contrahidos, as palpebras meio cerradas, um circulo azul em redor dos labios e os membros inteiriçados.

O pintor sacudiu-os muitas vezes, por fim virou o rosto e disse indifferentemente.

Estão mortos!

Distendeo então uma tela e esboçou o quadro que se lhe offereciã diante dos oihos.

E os dous poetas tinham morrido:— erão duas cruces do sentimento enterradas no seio da lubricidade!

••

ROMANCE,

Ir á Roma e não ver o papa.

(*Aventuras de um caçador*).

CAPITULO VI.

De como o Sr. Lutz Louet, atraz do melro, passou de França á Italia, e se achou sobre as aguas do mar.

(*Continuação.*)

Dumas que provavelmente estava já aborrecido das prolixidades do narrador, respondeu-lhe seccamente.

— Nenhum.

— Mas gosta de musica ?

— Em geral, é de todos os ruidos o que mais me importuna.

— Sendo poeta, admira. E quando ouve trinar um rouxinol ?

— Atiro-lhe com um seixo, e se não posso chegar-lhe, berro-lhe « não te calarás, mal-dito ! »

Méry, que não approvava o máo humor do seu amigo, encolheu os hombros em signal de profundo desprezo, e vibrou-lhe um olhar exterminador.

— E' defeito da organisação; — atalhou magnanimamente o Sr. Luiz Louet, receando ter uma altercação por sua causa na boa harmonia que até ali reinara entre os convivas. — O Sr. Dumas é mais para lastimar que para censurar. Talha-lhe um dos sentidos. Deploro esse erro da natureza.

— Vamos ao caso, Sr. Luiz Louet, — interrompem Méry para evitar mais discussão. A posto que, apenas vio o *violoncello*, executou uma *sonata*, e que mal começou a *sonata*, lhe acudirão as idéas em tropel. Tinha talvez idéas de mais.

— Nada, não; — retorquiu o artista; — não forão positivamente as idéas que vierão; forão os criados do *hotel*. Havia-se transmittido a minha situação á alma do instrumento. Tirava d'elle sentidos sons, uns como queixumes cheios de commoção. Erão as saudades da terra natal; erão as contrações famelicadas d'um estomago dando horas; era uma execução altamente expressiva. Como sabem, os italianos não são como o Sr. Dumas: morrem pela musica. Quando mal me preceitei, o corredor estava cheio. Sentia de minuto para minuto, crescer um murmúrio de applausos. Houve palmas até, meos senhores! A final abriu-se a porta do quarto, e vi apparecer-me o proprio dono do *hotel*. Dei a última arcada, uma arcada genial, e voltei-me para elle, com o *violoncello* entre os joelhos; estava certo da minha superioridade sobre aquelle homem.

— « Peço-lhe perdão de entrar assim no seu quarto, — disse elle; — mas a culpa é mesmo do senhor. »

— « Como ? » — tornei eu — « Fez muito bem. Está em sua casa. »

Com o meo *violoncello* havia produzido o effeito que Orpheo produzia com a lyra: tinha amansado as feras. O traje tambem não desdizia muito do traje do Deos mythologico: vestia uma simples... tunica.

— « O senhor parece-me um instrumentista distincto » — continuou o dono do *hotel*.

— Recusei já o lugar de primeiro *violon-*

cello concertante na opera de Pariz, » acudi eu promptamente.

Não era inteiramente verdade, devo dizel-o, meos senhores; mas achava-me em terra estrangeira, e não queria desacreditar a minha patria proclamando a sua ingratição.

— « Primeiro *violoncello* concertante! — observou o homem. — Já devia ser menos máo lugar. »

— « Excelente » — redargui eu. — Dez mil francos de ordenado, fóra a meza. Todos os dias ao almoço costellets e vinho de Bordeaux. »

Fallando n'estas cousas crescia-me a agua na boca, sem querer. Assim mesmo continuei sem titubear com a presença de espirito usual nos nossos compatriotas:

— « Desprezei tudo por amor da arte; só para ver a Italia, a patria do sublime Paezielo, e do divino Cimarosa. »

Como veem lisongeava o homem e o paiz, attenta a critica situação em que me achava.

— « Não se demora na nossa cidade ? » — perguntou o dono do *hotel*.

— « Para que ? »

— « Para dar um concerto. »

Foi um raio de luz para mim, meos senhores. A idéa era boa; mas importava fazel-a render.

— Admitemos o espirito francez! ponderou Méry.

O Sr. Luiz Louet proseguio sem reparar:

— « Um concerto ! » — tornei eu desdenhosamente ao dono do *hotel*. — Pois accredita que uma cidadezita como Nizza póde cubrir se quer as despezas ? »

— « Pois não póde ! » — tornou o homem picado. — « Bastavão os physicos inglezes que estão aqui a ares. Só n'este *hotel* tenho eu quinze. Affluem á minha casa por que achão excellente a cozinha. »

— « Na verdade, » — retorqui insistindo habilmente na adulação — « na verdade parece-me o *hotel* melhor de Nizza. »

— « Conto que, a vista da mesa que dou aos meos hospedes, o poderá certificar antes de partir. »

— « Eu sei... »

— « O senhor não precisa dos meos conselhos; mas se ficasse aqui uma noite e se fizesse ouvir, não perdia o seu tempo de certo. »

— « Então quanto custa que me poderia render um concerto ? » — perguntei com uma negligencia perfeitamente imitada.

— « Se deixa tudo por minha conta, » — tornou o homem, — « se me concede que faça os annuncios e distribua os bilhetes, posso-lhe segurar tresentos francos ! »

— « Tresentos francos ! » — gritei eu sem poder ter-me.

O homem equivocon-se com o sentido verda-

deiro da minha exclamação, e atalhou com uma certa humildade soberba :

— « Não é muito, bem sei. Mas Nizza também não é Roma nem Pariz. »

— « E' uma povoação admiravel ! » — contestei continuando a lisongear-o, visto que me não tinha dado mal.

— « Em attenção á cidade, se eu tivesse a certeza, sem pensar senão em executar algumas peças no *violoncello*, que tirava trescentos francos livres... »

— « Seguro-lh'os por contracto, se quizer. »

— « E meza... meza como a da opera de Pariz, já se vê... »

— « E mesa também. »

— « Resolvia-me. »

— « Resolva-se. »

— « Em fim, convence-me. Não estava muito disposto; mas cedo. Póde annunciar. »

— « O seu nome ? »

— « Luiz Louet. Ponha nos cartazes o celebre Luiz Louet, não se esqueça... Olhe, accrescente: primeiro *violoncello da camara de S. M. o Imperador*. »

— « De que ? »

— « Do Japão... Espere, accrescente mais o celebre Louet vem de Marselha á Nizza atraz de um melro. »

— « Acha essencial annunciar isso ? »

— « Achô. E' indispensavel, pois que não tenho para vestir se não o meo facto de caça, e não quero que o respeitavel publico Nizzense imagine que lhe falta á devida consideração, quando tal não ha, nem sou capaz de semelhante cousa, posso-lhe dar a minha palavra. »

— « Como queira. O que toca ? »

— « Não annuncie nada especialmente. »

Mande vir as partituras do theatro, conheço-as todas. Tocarei oito peças á escolha do auditorio. E' para contentar o orgulho dos inglezes. Como sabe, tem muito amor proprio aquelles ilhéos.

— « Está dito. O concerto é na sala grande do hotel. Seguro-lhe trescentos francos livres, e a comida, seja qual for a receita. Se o lucro exceder, é ganho meo. Servo-lhe o negocio ? »

— « Serve. »

— « Vou-lhe então mandar o almoço. »

— « Lembre-se de que pelo almoço é que eu posso fazer idéa do modo por que o senhor cumpre os seus ajustes. »

— Fique descançado.

Com isto safo, e ouvi-o gritar aos criados.

— Um almoço de primeira classe para o numero 4.

Fui ver logo o numero da minha porta : era o numero 4.

D'ahi a pouco veio o almoço. O homem tinha-se desbancado. Confesso-lhes que me sentei á mesa com voluptuaria sensualidade. Fazia exactamente vinte e oito horas que não sabia

o que era comer. Estava tomando uma chavena de caffè, quando o dono do hotel entrou :

— « Está satisfeito ? » — disse.

— « Contentissimo. »

— « Pela minha parte fica também prompto o resto. Os cartazes estão promptos. »

— « E ha de-se corresponder á elles, esteja certo : não ha de ser como tantos. Sabe-me agora dizer qual é o melhor modo de voltar para Marselha ? Desejava partir amanhã. »

— « Amanhã ! Está no porto um brigue que amanhã dá á vela para Toulon. Fica-lhe no caminho. De Toulon é pouco á Marselha. O capitão do brigue é meu amigo. Maritimo velho ; vae seguro. »

— « Não se me dava de conhecer Toulon. Ha muito que tenho vontade de conhecer esta cidade. »

— « Então por que se não aproveita da occasião ? »

— « Enjôo no mar. »

— « O mar está de leite. »

— « E que tempo se gasta ? »

— « Seis horas, o muito. »

— « Enlão está dito. Seis horas não é nada. Vou no brigue. »

A' noite effectuou-se o concerto. Não me permite dizer mais a minha modestia. O dono do hotel deu-me pontualmente os trescentos francos, e ganhou cincoenta por cento. No dia seguinte executei a cavatina da Norma no *violoncello*, para gorgeta dos criados, e embarquei a bordo do brigue *Nossa Senhora das Dores*, capitão Garnier.

CAPITULO VII.

De como o herôe d'esta historia se distinguio entre todos n'um combate naval.

— Aconteceo o que eu previra : — proseguio o historiographo de si mesmo, começando emfim a captivar a attenção dos ouvintes. — Apenas puz pé a bordo, cahí estonteado, e mareado. Recolli-me ao beliche, e deitei-me para não ficar voltado do avesso.

Ao cabo de duas horas, quando começava a sentir-me um pouco melhor, ouvi um rumor desusado no tombadilho, e logo depois um rufo prolongado de tambor.

Pensei que era o toque de signal para o almoço.

N'isto ia passando um marinheiro com um feixe de sabres.

— « Oh, lá ! ouça — bradei-lhe eu mesmo do beliche, — não me dirá o que vem a ser este rufo que ouvi ? »

— « Quer saber ? » — tornou o marinheiro que era attencioso.

— « Quero. »

— « São os inglezes que estão á vista. »

— « Ah ! são os inglezes ! Isso é boa gente. Aos inglezes devo eu tres quartas partes do que

me rendeo o meu concerto de hontem á noite em Nizza.

— « Sim ? — acudio o marujo. — Então acatele-se, que lh'a podem levar inteira hoje.

E foi andando o seu caminho para a escada da escotilha.

Atraz do marinheiro que levava o feixe de sabres, passou outro com um feixe de lanças !

Atraz do que levava o feixe de lanças, veio outro com um feixe de machados !

Occorreu-me então que havia por força coisa séria.

O ruido crescia no convex, e a minha inquietação com elle. Estava scismando n'estes incidentes nada risonhos, quando ouvi a voz do capitão gritar pela escotilha :

— « O meu cachimbo, Antonio !

— « Lá vai, capitão, — respondeo outra voz.

Segundos depois, passou um pagem com o cachimbo. Como ia correndo, estendi a mão e agarrei-o pela aba da vestia : os poucos annos do rapasote authorisavão-me esta familiaridade.

— « Que ha-de novo lá por cima ? disse eu. — Trata-se de almoçar ?

— « Não está mão almoço, » tornou-me o pagem. — Ha tal que d'aqui a pouco tem de certo uma indigestão de chumbo e de ferro. Deixe-me ir, que está o capitão á espera do cachimbo.

— « Se está á espera do cachimbo nunca o negocio é muito sério.

— « Pelo contrario : o capitão não pede o cachimbo senão quando a cousa é de levantar fervera... »

— « Levantar fervera, o que ?

— « O caldeiro que dá a ração geral. Suba cá acima ao convex, e verá.

Percebi que o melhor era seguir o conselho judicioso que me dava o rapaz ; mas não se me tornava muito facil, nem muito commodo pôr pé fóra do beliche sem o balanço do navio. Emfim, fui-me se andando aos tabiques interiores, e cheguei como pude, á escada da meia laranja. D'ahi para cima tinha o corrimão. Doitei a cabeça pela escotilha, empregando todas as precauções que a situação requeria, e vi o capitão fumando com toda a paz de espirito, sentado u'um caixote tombado.

Respirei.

— « Salve-o Deos, capitão, » — disse eu com o sorriso mais amavel que pude armar nos labios ainda convulsos. — « Então, temos novidade a bordo ?

— « Ah ! é o Sr. Louet — observou elle com indifferença.

O demonio do capitão sabia já o meu nome.

— « Sou eu em psssoa. Estive um pouco transtornado ; mas agora vai isto melhor.

— « Já vio um combate naval, Sr. Louet ?

— « Nada, não.

— « E tem gosto de ver ?

— « Eu !... eu... Digo-lhe francamente que antes queria ver outra cousa.

— « Pois é pena.

— « Porque ?

— « Porque se tivesse gosto de ver um combate naval... e um dos melhores !... não havia de esperar muito.

— « Que me diz ! — exclamei eu desmaiando sem querer, por que bem sabem como este phenomeno é independente da vontade do homem. Que me diz ! pois nós... pois o senhor... pois eu tenho de me achar mettido n'um combate naval ! Está brincando, capitão... O capitão tem petas !... »

— Ah ! pensa que estou brincando ! suba mais dous degrãos, faça favor... Isso. — chegue-se á amura... Segure-se agora esse cabo da mesa da enxarcia... Está berrô !

— « Assim, assim

— « Olhe para bordo.

— « Estou olhando.

— « Que vê lá ao largo, diga.

— « Vejo tres navios guapos.

— « Cate bem.

— « Vejo quatro.

— « Repare melhor.

— « Cinco ! seis !

— « Seis só !

— « Mais de seis não: vejo seis.

— « Entende de bandeiras ?

— « Quasi nada.

— « E' o mesmo. Procure o pavilhão almirante do maior de todos, no tope do mastro grande: ha-de vel-o abi como nós trazemos a nossa bandeira tricolor a ré... Achou ?

— « Achei.

— « Que distingue no pavilhão ?

— « Não sou nada intendido em figuras heraldicas; mas parece-me que tem uma harpa.

— « Justamente. E' a harpa da Irlanda. D' aqui a dez minutos ouvirá como ella toca. Asseguro-lhe que val a pena o concerto.

O capitão ainda tinha alma para me fazer esta allusão atroz.

— « Mas, capitão, meu caro capitão, » — disse-lhe eu afflicto — se os inglezes vem ainda longe, desdobrando todo esse panno que não faz nada abi atado ás vergas, podiamos muito bem fugir-lhes. E' no seu lugar, capitão, fugia... Queira desculpar, é a minha opinião como rebecão grande do theatro de Marselha, e quize-ra podel-o vencer de que não é a peor. Se fosse marítimo, talvez tivesse outra.

— « Se em vez de ser um rebecão, tornou-me o capitão — fosse um homem que me dissesse isso, o caso não ficava assim. Saiba de uma vez: o capitão Garnier não tirou carta de corso para fugir. A Inglaterra está em guerra com a França...

— Os senhores hão-de estar lembrados de eu lhes ter dito que estas minhas aventuras se passavam em 1811, — observou o Sr Luiz Louet aos seus ouvintes interrompendo a narração.

— « Perfeitamente, — acudirão aquelles.

— « Então, — continuou o narrador — de certo não julgão extraordinario este incidente, comque eu não contava, nem a linguagem do capitão que insistio n'estes termos:

— « A bandeira franceza está arvorada, o pavilhão inglez tambem. Encontrão-se...

— « Mas em numero desigual.

— « Que importa o numero? Uma das duas insignias adversas desaparece por força. Mas a bandeira do meu navio, a desapparecer, hão-de ser para sempre. O capitão Garnier não se move. Peleja até vêr o seu brigue n'um crivo; depois, espera a abordagem, e quando tem o convoz dado de inglezes, desce ao paiol com o cachimbo accendo, chega-se a um barril de pólvora, deita-lhe o cachimbo dentro, e tira com toda essa gente ás nuvens, para que vá ver com os seus olhos como Deos anda por cima das estrellas.

— « Mas os francezes?

— « Os francezes vão tambem: em não o caminho aos ingleses.

— « E os passageiros?

— « Os passageiros da mesma forma.

— « Capi... capitão, nada de graças. São graças pesadas essas!

— « Sr. Luiz Louet, esteja certo que não gracejo nunca depois de ter mandado tocar a postos!

— « Meu rico Sr. capitão... em nome do direito das gentes!... peço-lhe que me deite na costa... em qualquer praia, seja onde for. Antes voltar a pé. A pé vim, a pé irei.

— « Quer que lhe dê um conselho, Sr. Louet? — disse-me o capitão pondo o cachimbo do lado.

— Venha. Um conselho nunca se despreza quando é de pessoa prudente.

Não se me deo de aproveitar a occasião para lhe applicar sempre este liçãozinha?

O capitão, insensivel a tudo, proseguio:

— Sabe qual é o meu conselho? E' que se vá deitar. Vem do beiche, não? Pois volte para elle.

Vi que perdia o meu tempo. e ponderei-lhe unicamente:

— « Uma palavra só, capitão, e não o importante mais.

— « Diga.

— « Ha alguma esperanza de salvação? Pergunta-lh'o um homem casado, com mulher e sete filhos de que a o unico amparo.

O episodio da mulher e sete dos filhos era para ver se o abrandava. A verdade é que eu fui sempre solteiro.

Onde artil fez effeito: o capitão pareceo um tanto sensibillizado.

— « Oiga, Sr. Louet, — disse elle, — Eu bem vejo que a sua posição não pôde ser nada agradável para quem não é do officio. Dir-lhe-hei por tanto que ha uma esperanza.

— « Que esperanza, capitão, que esperanza? — gritei como se resuscitasse. Se lhe posso servir para alguma coisa, disponha de mim.

— « Ve aquella tarja negra ao su-sua-oste?

— « Perfeitamente.

— « Por ora não dá idea se não de uma rajada.

— « De vento?

— « Pois de que!

— « Com as rajadas desarvora-se.

— « Peça a Deus que a rajada se converta em tempestade.

— « Que diz, capitão? Em tempestade! Com as tempestades naufraga-se.

— « E' o melhor que nos pôde acontecer.

O capitão tornou a pegar no cachimbo, e vi com satisfação que se tinha apagado n'este intervalo.

— « Antonio, Antonio! — gritei — onde estás tu, António? Não ouves, pétinga do inferno!

— « Lesto a virar, capitão — acudio o págem deitando a cabeça pela escotilha.

— « Vai-me accender o cachimbo. Se não me enganar muito, não tarda que principie a dança.

Nisto, levantou-se uma nuvemzinha branca da alcacha (todas estas nomes aprendi eu depois) do navio que nos ficava mais perto, e sentio-se assim como um ocho e um baque, como quando se dá uma pancada de zangado no theatro. Vi então parir-se em debaixo do bordo da amura do brigue, e um artilheiro que tinha subido á culatra de uma peça caro encostando-se-me para cima d'um hombro.

— « Esteja quieto, — disse-lhe eu, — Não tem graça nenhuma essas brincadeiras.

E como o homem não se me queria tirar das costas, empurrei-o.

O artilheiro foi ao chão. Reparei então por elle com mais attenção. Estava surdo e cego.

Fez-me tal ataque de nervos este espectáculo, que d'aqui a tres minutos achei-me no porão sem saber como.

Depois é que me disseram que me tinha distinguido por uma accão, que ninguém a bordo havia imitado.

Valha a verdade!

(continua)

Mendes Leal Junior.

RIO DE JANEIRO

EMPRESA TYPOGRAPHICA NACIONAL DO DIARIO

Rua do Rosario n. 51

1854.